

Além dos Limites: Explorando as Cidades de Fronteira como Espaços de Convergência

Beyond Borders: Exploring Border Cities as Spaces of Convergence

Ana Maria Foguesatto^{*a}; Elenise Felzke Schonardie^b; Marcos Paulo Andrade Bianchini^{cd}

^aFaculdade de Direito de Uruguaiana. RS, Brasil.

^bUniversidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. RS, Brasil.

^cUniversidade Anhanguerita Uniderp, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional. MS, Brasil.

^dFaculdade Anhanguera de Belo Horizonte, Curso de Direito. MG, Brasil.

*E-mail: anafoguesatto@hotmail.com

Resumo

O artigo aborda a temática das cidades em regiões de fronteiras, explorando inicialmente o espaço e o território por um viés multidisciplinar. O objetivo é direcionar uma discussão aprofundada sobre o conceito de cidades em realidades fronteiriças, utilizando a realidade sul brasileira, especificamente na fronteira Brasil-Argentina, destacando a cidade de Uruguaiana. O método de abordagem utilizado foi o hipotético-dedutivo, por meio do procedimento bibliográfico, com coleta de dados indiretos e interpretação jurídica com viés sociológico. A pesquisa revelou a multiplicidade de convergências culturais no âmbito da região de fronteira internacional Brasil-Argentina. A presença do multiculturalismo se manifesta através das diversas dinâmicas socioespaciais que ocorrem de maneira amistosa, transcendendo a divisão geográfica e política dos territórios. Além disso, o estudo destacou como essas interações culturais e sociais contribuem para a formação de uma identidade regional única, que se caracteriza pela convivência pacífica e pela troca contínua de influências entre as comunidades dos dois países. Ao final, o artigo afirma que essas convergências culturais e dinâmicas socioespaciais são fundamentais para a compreensão da realidade das cidades fronteiriças. A pesquisa sublinha a importância de políticas públicas que promovam a integração e a cooperação transfronteiriça, valorizando o multiculturalismo e fomentando o desenvolvimento sustentável e harmonioso das regiões de fronteira. Assim, a cidade de Uruguaiana é apresentada como um exemplo emblemático de como as fronteiras podem ser espaços de interação positiva e enriquecedora, refletindo uma realidade que vai além das divisões territoriais.

Palavras-chave: Cidade Fronteira. Cidadania. Direitos Humanos. Multiculturalismo. Território.

Abstract

The article addresses the theme of cities in border regions, initially exploring space and territory from a multidisciplinary perspective. The objective is to direct an in-depth discussion on the concept of cities in border realities, using the southern Brazilian reality, specifically on the Brazil-Argentina border, highlighting the city of Uruguaiana. The approach method used was hypothetical-deductive, through the bibliographic procedure, with indirect data collection and legal interpretation with a sociological bias. The research revealed the multiplicity of cultural convergences within the Brazil-Argentina international border region. The presence of multiculturalism is manifested through the various socio-spatial dynamics that occur in a friendly manner, transcending the geographical and political division of territories. Furthermore, the study highlighted how these cultural and social interactions contribute to the formation of a unique regional identity, which is characterized by peaceful coexistence and the continuous exchange of influences between the communities of the two countries. In the end, the article states that these cultural convergences and socio-spatial dynamics are fundamental to understanding the reality of border cities. The research highlights the importance of public policies that promote integration and cross-border cooperation, valuing multiculturalism and fostering the sustainable and harmonious development of border regions. Thus, the city of Uruguaiana is presented as an emblematic example of how borders can be spaces for positive and enriching interaction, reflecting a reality that goes beyond territorial divisions.

Keywords: Frontier City. Citizenship. Human Rights. Multiculturalism. Territory.

1 Introdução

A temática das cidades apresenta-se como um rico e instigante campo para a investigação acadêmica, propício à abordagem transdisciplinar. Em especial, as cidades com fronteiras internacionais em razão de ter-se convertido em espaços de múltiplos significados, constituindo-se em territórios complexos de coexistências, conflitos e permanente processo de transformação de suas relações socioespaciais.

O presente estudo visa trazer à discussão o conceito de cidades em realidades fronteiriças, utilizando como exemplo a realidade sul brasileira, mais especificamente na fronteira oeste do Brasil, com foco no município de Uruguaiana, com

fronteira fluvial com a Argentina e Uruguai. Situada na região oeste do Estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Uruguaiana apresenta grande permeabilidade de fluxos Uruguaiana/Brasil - Paso de Los Libres/Argentina, a qual representa interrelação comercial e cultural internacional.

A relevância social do trabalho justifica-se na possibilidade de uma melhor compreensão do espaço/território, seus regramentos e interconexões. E, também, deslocar o olhar para este espaço híbrido que é a fronteira. A diversidade das dinâmicas socioespaciais em cidades fronteiriças é muito variada, remete a possibilidade de reinterpretar o seu significado. A dupla condição de controle e integração territorial confere a esses espaços urbanos algumas

particularidades quanto a sua organização espacial enquanto cidade, que merecem ser observadas e compreendidas para sua autodefesa na contemporaneidade.

A problemática do estudo centra-se na seguinte questão: a cidade de Uruguaiana, na fronteira oeste do Estado do RS, na região sul brasileira, que faz divisa com a Argentina, mostra uma rica multiculturalidade na qual estão presentes as manifestações contemporâneas do capitalismo globalizado, associado à imagem dos territórios-rede, onde prevalece a lógica econômica, como espécie de barreira, em detrimento de uma interação cultural entre povos? Para responder a esta questão, o texto está organizado em três seções, além da introdução e conclusão. Na primeira seção, são apresentados alguns conceitos de espaço e território abordado o campo da geografia urbana e regional das cidades de fronteira. Na segunda, destaca-se as cidades fronteiriças do sul do Brasil, especificamente a cidade de Uruguaiana, localizada no oeste do Estado do Rio Grande do Sul, que faz fronteira fluvial com Paso de Los Libres, na Argentina. Na terceira seção, aborda-se a intensa multiplicidade de convergências culturais presentes na interação entre cidades de fronteira internacional (Brasil e Argentina). Enfatizando a importância de ver a fronteira não como barreira, mas sim, como uma interação cultural entre povos.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

O presente estudo adotou o método hipotético-dedutivo como base metodológica, pois se prioriza a busca por evidências empíricas capazes de refutar as hipóteses formuladas, promovendo, assim, uma abordagem crítica e racional, com ênfase na crítica intersubjetiva, no controle mútuo pela discussão crítica e no confronto com os fatos (Henriques; Medeiros, 2017).

Ao relacionar essa metodologia ao tema das cidades, especialmente as cidades fronteiriças, devido aos seus espaços de múltiplos significados e suas complexas relações socioespaciais, percebe-se que o método hipotético-dedutivo é adequado para alcançar os resultados esperados com a pesquisa.

A temática das cidades é um campo vasto e instigante para a investigação acadêmica, sendo especialmente adequada para uma abordagem transdisciplinar. Os desafios complexos que surgem nesse contexto exigem uma análise crítica e fundamentada em evidências empíricas. A abordagem transdisciplinar do estudo integra perspectivas de diferentes campos do conhecimento, enriquecendo a compreensão dos fenômenos urbanos e permitindo uma análise aprofundada dos desafios e oportunidades nas cidades fronteiriças. Esse método fornece uma estrutura robusta para entender as complexidades das relações urbanas, analisar os desafios enfrentados pelas populações locais em áreas de fronteira internacional e buscar soluções que promovam a efetivação dos Direitos Humanos.

No que concerne à natureza dos dados, a presente pesquisa fundamentou-se em relatos históricos, políticos e geográficos acerca de estudos sobre o território pertinentes ao escopo do estudo. Paralelamente, foram consideradas as opiniões

previamente publicadas por pesquisadores acerca dos temas relacionados, bem como, a coleta de dados e informações pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e veículos de mídia locais.

Os dados coletados e reconstituídos ao longo da investigação foram submetidos a uma análise que incorporou uma perspectiva alinhada com a abordagem hipotético-dedutiva. Assim, o presente estudo destaca a importância de uma abordagem crítica e fundamentada em evidências empíricas para a investigação das cidades de fronteira. Ao adotar o método hipotético-dedutivo, foi possível alcançar uma compreensão mais abrangente e detalhada das dinâmicas socioespaciais e dos desafios enfrentados por essas regiões, oferecendo subsídios valiosos para futuras pesquisas e intervenções políticas.

2.2 A Construção do espaço e do território

Desde o surgimento das primeiras cidades, a ocupação socioespacial do lugar, tem uma relação com a divisão do trabalho, com a classe social dos indivíduos. Assim, questiona-se essa a partir da *Civitas* Romana, acerca da centralidade do poder manter-se nas grandes metrópoles, e, se o papel político dos habitantes locais é levado em consideração, ou se existe apenas uma submissão entre esses, ressaltado a intensificação desse controle, principalmente no que tange a evolução da indústria eletrônica, também se aplica as cidades fronteiriças. Destacando que esse mesmo espaço, também é palco de resistência de diversos movimentos populares (Rolnik, 1995).

As primeiras civilizações citadinas, surgiram por volta de 3.000 a 4.000 a.C., conhecidas e consideradas pela época como grandes assentamentos permanentes. Mas as cidades começaram a tomar uma nova forma urbana somente no século 15, período no qual surge uma nova relação do homem com a natureza, através da exploração do espaço território para construções arquitetônicas. Pontua-se alguns elementos explicativos dos processos de urbanização no tempo antigo onde vigorava um sistema social da colônia, os habitantes ainda estavam muito ligados ao campo e o comércio se dava através da troca de bens de consumos de produção própria.

No final da idade média, com o renascimento, o setor comercial urbano passa a se desenvolver com o início do capitalismo em sua fase pré-industrial. Contudo, as formas de ocupação do espaço e percepção do tempo são marcadas pelas longas distâncias físicas e temporais. As cidades do início do período da idade moderna (século 16), ainda possuíam fortes traços com as relações de produção feudal. As atividades comerciais começavam a retomar o seu protagonismo e circular a grandes distâncias em razão das navegações dos impérios europeus. Esse período é conhecido como tempo de transformações do urbano.

A abordagem teórica aqui utilizada como base e referência possui um enfoque especial no campo da Geografia Urbana e Regional. Neste mote, os conceitos geográficos são instrumentos importantes no auxílio para uma melhor compreensão da realidade humana e do planeta.

O espaço pode ser considerado como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço é o conjunto indissociável de sistemas de objetos

naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações se agregam ao conjunto existente, modificando-o tanto em sua forma quanto em sua substância (Santos, 1997).

O geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904) é o responsável por elaborar o conceito de território na Geografia moderna, compreendendo o território como um espaço sobre o qual se exerce a soberania estatal.

Grande parte do pensamento geográfico está fundada na ideia de Estado-nação e, evidentemente, também no correspondente sistema jurídico erigido sobre o conceito de soberania. (Antas Junior, 2005, p. 20).

Portanto, há que se considerar, que a geografia, constitui-se como fonte legítima para a produção de normas jurídicas.

O geógrafo suíço, Raffestin (1993), foi um dos pioneiros a publicar estudos sobre território. Merece destaque aqui, a sua abordagem e compreensão sobre o conceito de espaço geográfico, pois ele o entende como um lugar preexistente ao território. Nas palavras do autor:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator 'territorializa' o espaço. (Raffestin, 1993, p. 143).

Dentro dessa concepção do autor, o território é, principalmente, espaço político-administrativo, isto é, um território nacional, físico, onde se localiza uma nação, um espaço onde se estabelece e delimita uma ordem jurídica e política, um espaço medido e marcado pelo trabalho humano, dentro de seus limites e fronteiras. (Raffestin, 1993).

Nesse mesmo segmento, Gottmann (2012, p. 523), descreve território como um conceito político e geográfico, afirmando que:

Território é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo. Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido em um Estado nacional ou uma parte deste que é dotada de certa autonomia. Ele também serve para descrever as posições no espaço das várias unidades participantes de qualquer sistema de relações internacionais. Podemos, portanto, considerar o território como uma conexão ideal entre espaço e política. Uma vez que a distribuição territorial das várias formas de poder político se transformou profundamente ao longo da história, o território também serve como uma expressão dos relacionamentos entre tempo e política.

A aceção de território por Gottmann (2012) evidencia a configuração do espaço geográfico organizado por processos políticos, no sentido de esclarecer um ponto importante dentro do conceito de território, qual seja a possibilidade de evidenciar o materialismo histórico-dialético marxista, quando destaca a dinâmica conflitante entre sujeito e Estado na constituição do território.

Moraes (2005, p. 59) aborda alguns elementos a mais, os quais, perfeitamente, se encaixam nessa linha do pensamento dialético. Para ele, território é,

[...] concomitantemente, uma construção militar (um resultado de conquista espacial, que tem de ser reiterada sempre que

contestada) e uma construção política (como área de exercício de um poder soberano), mas também uma construção econômica (como suporte de estruturas e atividades produtivas como um mercado e uma construção jurídica (que tem de ser legitimada em fóruns adequados de relacionamento internacional) e, ainda uma construção ideológica (que fundamenta uma identidade social de base espacial e uma psicologia coletiva). (Moraes, 2005, p. 59).

Por esse ponto de vista multidisciplinar, o autor revela dupla natureza: material e imaterial, aspectos que dialogam, num processo dialético constante. Acerca das assimetrias de natureza política, econômica e socioespacial, que caracterizam um dado território, requer-se uma visão que privilegie a conexão entre tais aspectos. Tal visão torna-se indispensável para o enfrentamento da atual realidade consistente na sua transnacionalização, ou seja, nas relações estabelecidas entre espaços que transcendem àqueles tipicamente nacionais. É o caso das regiões transfronteiriças.

O pluralismo jurídico no ocidente aponta a emergência do novo paradigma social que deve ser compreendido cientificamente.

[...] Trata-se da capacidade das corporações transnacionais e das organizações sociais bem estruturadas de criarem novas juridicidades que influem na vida de todos que vivem num mesmo território. (Antas Junior, 2005, p. 69).

Esse novo pluralismo vem como uma espécie de motor desse processo abarcando a emergência de solidariedade vinculada a velocidade do crescimento das tecnologias mais modernas e avançadas, quais são capazes de integrar territórios não-contíguos: a solidariedade organizacional mundial.

[...] a solidariedade organizacional promove, freqüentemente, um desequilíbrio das tradicionais formas de solidariedade orgânica e implementa ou, antes, prepara a implementação de novas ordens. Não se trata de uma ordem global, mas de várias e distintas, pertencentes sobretudo às grandes corporações transnacionais, muito embora grandes organizações sociais ambientalistas, assistencialistas e até mesmo agrupamentos mais progressistas venham crescentemente se utilizando dessa possibilidade técnica. (Antas Junior, 2005, p. 70).

O processo de mundialização da economia encontra-se num nível avançado, observável na expansão das infraestruturas econômicas. As redes técnicas e científicas desenvolvidas nesse processo recobrem, atualmente, expressivas extensões territoriais e ultrapassam as fronteiras nacionais, acentuando trocas, acelerando a circulação de bens e serviços, bem como, promovendo uma maior acumulação de capital. (Antas Junior, 2005).

Não obstante, os atuais elementos da globalização estão relacionados com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação e com os usos políticos desses meios. A globalização é sobretudo exercida principalmente pelas corporações, por meio do uso das redes de comunicação e das tecnologias mais avançadas, de modo que se apropriarem dos recursos territoriais, ignorando ou procurando submeter-se a lógica do Estado com as intenções desta ou daquela corporação específica, pois cada corporação é uma ordem distinta, um ordenamento que busca cumprir uma lógica de unicidade na atividade que conduz. Porém, setores distintos, buscam parcerias na busca de um benefício passageiro que

seja de interesse comum. (Antas Junior, 2005, p. 278).

[...] o Homem é o centro da noção de *mundial*, enquanto o Estado é o objeto central do *internacional*, e as firmas corporativas, do *global*. O processo de mundialização ‘engloba a globalização’ e não o contrário, como supõem muitos autores das ciências aplicadas. Há espaços globais no interior de um território, há a intersecção das redes, o espaço reticular, as verticalidades, mas não há um planeta globalizado. Isto é uma antinomia. (Antas Junior, 2005, p. 279, grifo do autor).

O autor busca esclarecer sua concepção de globalização e território, quando se refere que mesmo diante de tantos avanços intelectuais proporcionados pela globalização, isso não está presente ou ao alcance para todas as sociedades ou para toda a população mundial. O que existe são pontos globais em determinadas regiões do mundo.

O tempo se dá pelos homens. O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do Mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, classe social, cada indivíduo. (Santos, 1994, p. 83).

No que concerne à organização do espaço urbano, destaca-se a urgência social, assinala-se uma forte oposição entre tendência da fragmentação e enclaves territoriais intraurbanos, através da polarização entre empregos estáveis bem remunerados e os precários sub-remunerados, existentes nas cidades, pelo reflexo da globalização, dando margem a mais desigualdades sociais. (Compans, 2009).

Um ponto crítico em cidades, especialmente aquelas localizadas em áreas de fronteira, devido ao elevado fluxo comercial em constante crescimento, é a necessidade de desenvolver arranjos multimodais, que englobam uma variedade de modos de comunicação existentes.

A transformação do rural em urbano, leva-se em conta o trabalho, fazendo com que seja a parte mais crítica da urbanização, pois gera densidade. No que tange a fragmentação dos espaços sociais nas cidades, pode-se afirmar que a competitividade financeira é que potencializa essa segregação, não apenas pelas diferentes oportunidades de trabalho e educação, mas sim, pela valorização imobiliária decorrente de investimentos e obras milionários. Nesse sentido, é preciso repensar como usamos o território, em como organizá-lo de forma bem distribuída.

No âmbito das cidades, vêm à tona as diversidades peculiares e especificidades de predicados individuais que cada uma apresenta. “O aumento da mobilidade do capital acarreta mudanças na organização geográfica da produção das manufaturas e na rede dos mercados financeiros.” (Sassen, 2010, p.15). A economia trabalha conforme a natureza local que cada cidade-região tem a oferecer, depende muito de sua localização para que os circuitos aconteçam, de forma a realizar o fluxo econômico. As geografias entre as cidades começam a fluir como infraestruturas contribuindo para inúmeras formas de globalização, isso demonstra a importância das diferenças e características das cidades em sua individualidade, e que a concorrência entre elas, nesse ponto de vista, torna-se, pormenor insignificante.

As cidades brasileiras possuem formas variadas, frutos dos sítios onde foram construídas e dos processos sociais, econômicos e políticos que se desenvolveram ao longo de

suas histórias, isso refletido em um mundo desigualmente fragmentado e articulado. As particularidades que cercam as cidades caracterizadas como médias, no Brasil, envolvem combinação entre tamanho demográfico, funções urbanas e na organização de seu território intraurbano, não se diferenciando assim, das metrópoles. (Corrêa, 2007).

Estudar o espaço urbano fronteiriço é uma tarefa complexa que exige a visão de diferentes disciplinas, como a geografia, o direito, a sociologia, entre outras (Amorim Filho, 1984).

Com isso, se mostra relevante considerar os elementos do território interno de uma cidade, que pode variar em termos de concentração ou dispersão de espaços e serviços públicos ao longo de sua malha urbana. Estudar o espaço urbano em áreas fronteiriças é uma empreitada complexa que requer a integração de diversas disciplinas, como geografia, direito e sociologia, entre outras.

A abordagem interdisciplinar é fundamental para uma compreensão mais completa das dinâmicas e desafios enfrentados pelas cidades fronteiriças e contribui para o desenvolvimento de estratégias eficazes de planejamento e gestão urbana.

2.3 A Cidade de Fronteira no Sul do Brasil: Uruguiana, RS

A investigação recai sobre complexas realidades que apresentam as cidades fronteiriças do sul brasileiro, mais especificamente entre Brasil e Argentina, com as cidades de Uruguiana e Paso de Los Libres.

De maneira breve, o estudo da etimologia da palavra fronteira, conforme ressalta Campos (2015), é necessário compreender entendimentos consolidados pelos processos civilizatórios reconhecidos no mundo ocidental: do latim *front* (frente) ou *fronte* (testa), no francês (*frontière*) e o português, traz a reboque de sua origem uma concepção de conquista e desbravamento do desconhecido, associado ao controle da natureza intocada ou de espaços inabitados.

O conceito avança quando surge estudos que determinam o espaço como território e definem sua ocupação com os humanos, os quais vem a estabelecer novas possibilidades de compreender da ideia de territórios em fronteira. Em sua concepção tradicional, à ideia de existir limites (divisa seca ou fluvial) entre dois ou mais recortes espaciais, suscita a urgência de espaços de controle. A fronteira, identificada por uma linha imaginária delimitadora entre “territórios-zona”, ou seja, constituído em um espaço de forma contínua e estável, é uma concepção associada ao território, fortalecendo-se no período da Modernidade, com a constituição dos Estados-Nação em meados do século 16. (Haesbaert, 2003).

O Rio Grande do Sul se destaca pela sua diversidade e extensão de seus limites fronteiriços internacionais, de acordo com informações divulgadas pelo site cidade-brasil (2021), o município brasileiro de Uruguiana fica situado no extremo ocidental do Estado, pode ser associado à Mesorregião do Sudoeste Rio-grandense e Microrregião da Campanha Ocidental, fazendo fronteira fluvial com a Argentina e Uruguai. (Município De Uruguiana, 2021).

A cidade de Uruguiana teve um importante papel para o comércio brasileiro nos períodos dos séculos 18 a 20 e

atualmente carrega o título de maior porto seco de toda América Latina. Em aspectos gerais, Uruguiana é a única cidade fundada pelos Farrapos (24/02/1843). O movimento dos Farrapos, que teve início em 1835, foi um desdobramento das lutas políticas e das aspirações por autonomia que já se manifestavam na região sul do Brasil desde o período imperial. O movimento dos farrapos pode ser associado ao contexto político anterior, especialmente às ideias federalistas que surgiram na Constituinte de 1823. Nesse momento, os federalistas buscavam uma distribuição mais equânime do poder entre as províncias, defendendo um Estado Federal ou, em alguns casos, uma república. No entanto, essas aspirações foram reprimidas pelo imperador D. Pedro, que fechou a Assembleia e prendeu os deputados constituintes, incluindo José Bonifácio, um dos líderes do movimento. Embora a Constituição Imperial de 1824 tenha sido relativamente liberal para a época, a centralização do poder nas mãos do imperador acabou por gerar insatisfações, alimentando o descontentamento que eventualmente culminaria na Revolta dos Farrapos. Assim, a revolta pode ser vista como uma continuação das lutas políticas e ideológicas que marcaram o período imperial brasileiro, refletindo a busca por autonomia e descentralização do poder por parte das províncias. (Freitas, 1985).

Trazendo consigo uma tradição histórica, Uruguiana é uma das poucas cidades planejadas do Brasil no século 19, que apresenta características multiculturais e é a mais populosa e desenvolvida da região.

Segundo site do IBGE (2021), Uruguiana conta com uma população estimada em 126.766 habitantes. Tem uma extensão de 5.702.098 km² de área territorial total, sendo importante destacar para o presente estudo, que 93% da população está concentrada na zona urbana e 7% na zona rural. A zona urbana ocupa uma área de 45,3 km² com uma malha variada de 270 km e está dividida em 36 bairros. (SEMUDE, 2022).

A cidade de Uruguiana (Rio Grande do Sul-BR) faz divisa fluvial (rio Uruguai) com a cidade de Paso de los Libres (Província de Corrientes-AR). O acesso entre as duas cidades é através da Ponte Internacional Uruguiana-Paso de los Libres, denominada oficialmente de Ponte Internacional Getúlio Vargas – Augustín Pedro Justo. Quando de ambos os lados da linha de fronteira abriga cidades, estas costumam ser denominadas como cidades-gêmeas.

Essa adjetivação, nem sempre foi reconhecida pela história. Assim é importante apontar algumas considerações a esse respeito:

[...] é comum apontar que as cidades localizadas na fronteira internacional, uma de cada lado, são gêmeas pelo simples fato de apresentarem contiguidade espacial; quando suas malhas urbanas são integradas; quando há fluxos livres entre ambas; ou quando apenas uma ponte as separa. Elas podem ter origens distintas, motivações diferentes em sua gênese que pode ser civil, comercial, militar ou até religiosa; podem também apresentar um desequilíbrio populacional, com ofertas de serviços maiores numa delas, criando assimetrias; [...] (Nogueira; Neto; Barbosa, 2018)

Os Estados/Províncias aos quais as cidades pertencem podem ou não ter relações amistosas, refletindo tais efeitos na fronteira. Por exemplo, o câmbio e as trocas podem oscilar o

movimento comercial, pendendo para um lado ou para outro, dificultar a assimilação de cidades-gêmeas, pois há algumas divergências.

Por outro lado, as cidades gêmeas constituem-se igualmente através das pessoas que as habitam, as quais viabilizam profunda troca e interação entre os países envolvidos na condição fronteiriça, seja econômica, sociocultural ou mesmo política. Nos países que integram o MERCOSUL, destaca-se a proximidade fronteiriça entre Brasil, Uruguai e Argentina como uma das mais dinâmicas de toda a América do Sul. (Campos, 2017). E, essa proximidade fronteiriça é oportuna para muitas trocas e mobilidades, não apenas de objetos e mercadorias, mas de pessoas com distintas práticas culturais.

Contudo, cada lado fronteiriço possui sua normatização territorial com limites bem definidos, sejam eles físicos (o rio Uruguai) enquanto barreira física, ligados por uma ponte, sejam eles político administrativos, como por exemplo a extensa estrutura de Estado e seus órgãos de controle instalados. Nesse aspecto, observa-se em Uruguiana a presença do Ministério da Marinha através da Delegacia da Capitania dos Portos, dos Quartéis Federais, da Aduana, da Receita Federal, da estrutura aeroportuária e, até uma representação do Consulado Argentino, afinal os interesses comerciais são marcantes no território.

2.4 A Multiplicidade de Convergências Culturais na Cidade de Fronteira

O multiculturalismo é a inter-relação de diversas culturas em um mesmo ambiente. A convergência cultural, no atual contexto de pluralização dos sujeitos e da relativização das fronteiras territoriais, tornou-se inegável a relevância da pauta de direitos humanos. Isso significa afirmar que a combinação das novas realidades, sobretudo no que concerne aos riscos que se predispõe no tecido social urbano e às interações multiculturais entre as civilizações, reforçou o debate sobre a necessidade de respeito comum e proteção de direitos para os cidadãos habitantes de ambos os lados da fronteira.

A dimensão cultural é um componente importante na constituição das regiões de fronteiras. Pesavento (2002) evidencia a perspectiva cultural das fronteiras como “construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias, limites”. Assim, a fronteira emerge imponente conteúdo simbólico histórico de reconhecimento, ao abranger conceitos de alteridade e identidade das comunidades e suas características singulares, bem como, é palco do alcance dos macro interesses mundialmente articulados em rede global pela ação do capital.

O espaço/território denominado como fronteira tem se deparado cada vez mais com os múltiplos significados atribuídos a essas regiões atualmente. A concepção tradicional de defesa apoia-se na lógica de segurança pública e estabelecimento de ordem prevista e determinada pelo Estado pela possível fragilidade no controle de fluxos de mercadorias (formais e informais) e pessoas (trabalho, turismo, migração). (Campos, 2017).

Pelo seu caráter simbólico para as populações locais, as fronteiras passam a se constituir em espaços híbridos, não mais

apenas entendidas como uma linha divisória de territórios, mas sim, ela própria como um território usado e articulado para a finalidade de atender distintos interesses e necessidades da sociedade. Enquanto território-rede, a fronteira integra-se a diferentes sistemas de fluxos (informações, capital, pessoas, bens e serviços), de acordo com os diversos significados que pode assumir nesses sistemas interligados. Nesse sentido, as fronteiras não são só limites que estabelecem divisão de áreas, ou seja, não podem ser vistas apenas como marcos divisórios construídos.

[...]Elas também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas de situações ou época, assim como de população, esta dimensão aponta para uma nova reflexão: a de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira é sobretudo híbrida e mestiça. (Pesavento, 2002, p. 36).

Neste contexto de sobreposição de significados é que surgem as cidades como componentes estratégicos das regiões de fronteira. As cidades são a materialidade das atividades e das funções que constituem o espaço urbano. Nas cidades encontra-se a singularidade das relações entre sociedade e natureza, aparecendo como representação e ponto estratégico da rede urbana em que se está inserida (Campos, 2015).

Há que se observar, que as cidades de fronteira preservam características tradicionais históricas, seja de forma direta ou indireta, sobretudo em relação a aspectos da vida cotidiana e de seus fluxos. As migrações e outras formas de mobilidade social e espacial interurbana, colocam as cidades fronteiriças em espaços de transição em tempos iguais, através da movimentação de fluxos, espaços de controle e gestão.

Na fronteira oeste do Estado do RS, na região sul brasileira, ora em análise, a concepção de território-zona, que é aquela onde prevalece a lógica política, é mais presente do que as manifestações contemporâneas do capitalismo globalizado, associado à imagem dos territórios-rede, onde prevalece a lógica econômica. Se existem leis e condições para o bom uso e ocupação do território, existem também maneiras peculiares de lidar com as particularidades culturais e econômicas vivenciadas nestes locais pelas populações no dia a dia da fronteira, criando atalhos, alternativas e regras ao que é institucionalmente imposto.

Sabe-se que território possui múltiplas dimensões e que cada dimensão varia de acordo com fatores objetivos, históricos, sociais, políticos, culturais, econômicos, entre outros. Por sua vez, esses fatores criam transterritorialidades e transtemporalidades que geram diferenças e desigualdades. E é na fronteira que as diferenças ficam mais visíveis. Os territórios estão “separados” através das fronteiras e, ao mesmo tempo, relacionados, política, cultural e economicamente, em nível internacional no qual há redes e fluidez numa complementaridade cada vez mais intensa. Fluidez e complementaridade definidas pela circulação de mercadorias, de pessoas, de informações e pelas relações diplomáticas e culturais (Saquet, 2011).

Têm-se a existência de grupos humanos puros, distintos e separados pelos limites territoriais internacionais. Eis que a contemporaneidade intensifica cada dia mais o fenômeno da mistura, e isso tornou-se em uma realidade cotidiana, visível

nas ruas das cidades de fronteira. A fronteira não é física, ela é social, ela não separa, mas sim, une dois povos, identifica o que vem depois. Novos conhecimentos, sentimentos e experiências entram em contato, o que ao mesmo tempo separa, mas permite um contato, essa é uma verdadeira hibridização, uma heterogeneidade de culturas.

O hibridismo cultural são culturas distintas que se entrelaçam e geram uma nova, mas ela mantém elementos importantes das antigas. Assim, os hábitos e costumes antigos são transformados e dão origem a novas formas de viver e conviver. Atualmente, a hibridização está presente em todos os centros urbanos, destacando-se principalmente nas cidades de fronteira. A fronteira tem como uma de suas funções regular o Estado-Nação. Já que não se pode mudar as fronteiras materiais, é preciso mudar as fronteiras imateriais. Assim, devemos pensar na fronteira não como barreira, mas sim, como uma interação cultural entre ambos os povos. Nesse sentido, o mate, bebida de origem indígena mostra-se muito forte e presente em ambos os lados da fronteira. Assim, como o poncho e a cordialidade no receber.

Nesse aspecto, o hibridismo cultural é muito marcante na cidade de Uruguaiana, pois nela se realizam por exemplo a Feiras das Etnias, evento que tem por objetivo contemplar a amistosidade das relações culturais transfronteiriças, bem como a ArBra que é um programa de intercâmbio internacional que busca a integração entre Argentina e Brasil, destinado a ser uma vitrine do coração do Mercosul para o mundo e tem como objetivo gerar e fortalecer o intercâmbio de ações nos segmentos da cultura, da arte, da educação, da indústria, do turismo, da gastronomia e do desenvolvimento entre a Argentina e o Brasil (Correio do Povo, 2022).

Outro aspecto que chama a atenção na cidade de Uruguaiana é a existência de uma praça pública denominada “Praça Argentina”, uma maneira amistosa e cordial de acolher “*los hermanos argentinos*”, cheia de simbolismos em pleno território brasileiro. Embora, historicamente, a cidade tenha se destacado por uma economia forte no setor agropecuário, mais recentemente, a cidade tem chamado a atenção por sua atividade comercial e turística centrada na adoção de modelos de “free Shop” (Zero Hora, 2021). A multiplicidade de práticas sociais que se expressam nesse território urbano não amistosas. Assim, as fronteiras físicas e políticas não são vistas ou percebidas como barreiras, isto porque a integração cultural e comercial entre as cidades de fronteiras tem predominado no cenário urbano.

3 Conclusão

O escopo da pesquisa não se restringiu apenas à população residente em cidades fronteiriças. Ao delinear aspectos relacionados não somente aos direitos e relações inerentes aos espaços e territórios, mas também aos interesses culturais, pessoais e históricos das comunidades urbanas, o estudo oferece uma perspectiva ampla e abrangente sobre a importância de compreender e preservar a complexidade desses contextos. Assim, ao reconhecer e valorizar a diversidade e a singularidade das cidades fronteiriças, é possível promover o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis, que atendam às necessidades e

aspirações das diversas comunidades que nelas habitam.

Na fronteira oeste do Estado do RS, na região sul brasileira, a concepção de território-zona predominante ainda é aquela onde prevalece a lógica política, do Estado-Nação e todo o seu aparato instrumental. Mas, as manifestações contemporâneas do capitalismo globalizado, associado à imagem dos territórios-rede, onde prevalece a lógica econômica também está se fazendo presente.

A pesquisa revelou que, embora as manifestações do capitalismo globalizado e a lógica econômica estejam presentes como fatores influentes, a cidade de Uruguaiana ainda mantém uma dinâmica multicultural marcante, onde a convivência cotidiana e o multiculturalismo são elementos-chave na formação de uma identidade urbana única.

Nesse sentido, demonstrou-se a necessidade de compreender as cidades fronteiriças não apenas como zonas de transação comercial, mas também como espaços de intercâmbio cultural e convivência harmoniosa entre diferentes grupos étnicos e culturais. Ao reconhecer e valorizar essa complexidade, é possível promover políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis, que respeitem e atendam às diversas necessidades e aspirações das comunidades que habitam essas regiões de fronteira.

Em que pese a fronteira significar um limite geográfico político do Estado-Nação, ela não se limita a isto. Os limites físicos, geográficos e políticos, naquela cidade são mediados pela ponte que atravessa as águas do rio Uruguai. Nesses aspectos as fronteiras materiais estão bem definidas.

No entanto, a transtemporalidade com sua carga histórica, juntamente com a convivência cotidiana e o multiculturalismo, fazem com que as barreiras imateriais possam ser vencidas. E, isso, permite pensar na fronteira não como barreira, mas sim, como uma interação cultural entre ambos os povos. O multiculturalismo mostra-se presente e atuante na cidade de fronteira de Uruguaiana, arriscando-se na direção da formação de um hibridismo cultural entre os uruguaienses e “los hermanos argentinos”, residentes em Paso de los Libres. De tal modo, conclui-se por afirmar a multiplicidade de convergências culturais no âmbito das regiões de fronteiras, principalmente internacionais, através das diversas dinâmicas socioespaciais nessas cidades fronteiriças.

Referências

AMORIM FILHO, O. B. Cidades Médias e organização do espaço no Brasil. *Rev Geogr. Ensino*, v. 2, n. 1, 1984.

ANTAS JUNIOR, R. M. *Território e regulação: espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CAMPOS, H. Á. *Cidades em fronteira: discussão sobre seus múltiplos significados*. 2015. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gthistoriaculturals/27CDHelenizaAvilaCampos.pdf>. Acesso em: 4 out. 2024.

CAMPOS, H. Á. *O papel estratégico de cidades gêmeas no controle de mercadorias em regiões de fronteira no contexto do MERCOSUL: Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR)*. 2017.

CORRÊA, R. L. Construindo o Conceito de Cidade Média. In: SPOSITO, M. E. B. *Cidades médias: espaço em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CORREIO DO POVO. ArBra integra a moda do Brasil e da Argentina em Uruguaiana. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/arbra-integra-a-moda-do-brasil-e-da-argentina-em-uruguaiana-nesta-sexta-1.903132>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FREITAS, D. Farrapos: uma rebelião federalista. In: FREITAS, D. *A Revolução Farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. *Bol. Campineiro Geogr.*, v. 2, n. 3, 2012.

HAESBAERT, R. Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. In: OFICINA SOBRE POLÍTICA NACIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL – PARA PENSAR UMA POLÍTICA NACIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003, p.15-29.

HENRIQUES, A.; MEDEIROS, J. B. *Metodologia Científica da Pesquisa Jurídica*. 9. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/uruguaiana.html>. Acesso em: 5 out. 2024.

MORAES, A. C. R. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Anna Blume, 2005.

MUNICÍPIO DE URUGUAIANA. 2021. Sobre a Cidade de cidade. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-uruguaiana.html>. Acesso em: 5 out. 2024.

NOGUEIRA, R. J. B.; NETO, T. O.; BARBOSA, F. C. Cidades na linha de fronteira: estrutura Militares em Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia). *Rev. Intellector*, v. 13, n. 29, jan. jun/2018.

PESAVENTO, S. J. Além das fronteiras. In: MARTINS, M. H. *Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Liberal, 2002.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993

ROLNIK, R. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, M. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, M. A. *Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SASSEN, S. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre:

Artmed, 2010.

SEMUDE - Secretaria de Desenvolvimento Econômico. *Uruguaiana: aspectos gerais*. Disponível em: <https://www.uruguaiana.rs.gov.br/arquivos/b14fa17db1081daca2657835b0329f47.pdf>. Acesso em: 5 out. 2024.

ZERO HORA. *Vem viver Uruguaiana*: município se destaca como capital nacional dos free shops. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/conteudo-publicitario/2021/08/vem-viver-uruguaiana-municipio-se-destaca-como-capital-nacional-dos-free-shops-ckss31xec00ax013bm85e0n7n.html>. Acesso em: 3 dez. 2023.